

## EURICO - O PRESBÍTERO

Data de 1843 o aparecimento desta crónica-poema, também na revista *O Panorama*.

Juntamente com o Monge de Cister, constitui o *Monasticon*, uma dupla novela que pretende defender uma tese: «ver o celibato dos padres à luz do sentimento». A tese não se prova, porque a hipótese é apresentada, recorrendo a duas figuras - Eurico e Vasco - que não se fizeram sacerdotes por vocação. Amores fracassados levam-nos a abraçar essa carreira em que haviam, fatalmente, de falhar. E falharam porque não buscavam no sacerdócio um maior contacto com Deus, mas, sim, um encontro maior com eles.

Como na poesia, também no romance Herculano acusa algumas constantes. A religião vai complicar o conflito sentimental de Eurico e serve os intuítos vingativos de Vasco. E aqui, também, o autor ocupa sempre o primeiro lugar, mesmo no diálogo onde exprime as suas ideias, ou nas suas divagações, nos comentários, onde o tom saudosista (poético) se mistura com uma ironia, quase agressiva, que tanto caracteriza Herculano em *Eurico*. José Augusto França não o considera uma obra de tese, mas, sim, um romance de aventuras históricas e de cavalaria.

A época histórica de *Eurico* é a do domínio árabe. Por carência de bases documentais, com a sua natural intuição de historiador, Herculano deixa trabalhar a imaginação, recorre à adivinhação, tacteando primorosamente, para nos dar o choque de duas civilizações: a dos árabes, bárbara, violenta, e a dos godos, já caldeada pelo cristianismo. Por isso, a novela é mais poética do que histórica e, talvez por isso, menos do agrado de Herculano.

Contrariamente ao que vamos encontrar no romance realista, que, como a epopeia, inicia a narrativa em pleno desenrolar da acção, a novela, em Herculano, apresenta três momentos distintos. Começa por apresentar a panorâmica da época. Apresenta, em seguida, as personagens intervenientes na acção, a qual surge, então, clara e no seu pleno desenvolvimento, até à conclusão. Assim, também, em *Eurico*.

A acção da novela é débil e precipita-se a partir da batalha de Guadalete, avultando, então, a tragédia e a grandeza épica do cavaleiro negro, que, mesmo assim, actua tendo o seu eu como centro.

Não há cor local, o que é romântico, nem há descrições interiores, nem análises psicológicas profundas, mas há momentos de sublimidade, empolgantes, como na epopeia: a batalha de Crissus e a estatura gigante, transcendente, do Cavaleiro Negro; a cena chocante do mosteiro da Virgem Dolorosa em que Cremilda, «mulher ou demónio», no dizer do árabe, pratica um acto salvador repugnante, numa noite luarenta, ao som monótono, lúgubre e funéreo das vozes das monjas; o rapto de Hermengarda por Eurico à gulosa luxúria de Abdulazis, a sua fuga perigosa, épica e a célebre passagem do Sália, numa paisagem toda feita do belo horrível, que Herculano descreve magistralmente; e, por fim, o desenlace, a que não falta o estertor violento da tragédia

na loucura de Hermengarda e na entrega voluntária de Eurico à morte, em consequência de uma situação, então, já insolúvel.

A dignidade moral de Herculano projecta-se no comportamento de Eurico, quando, na gruta, se encontra com Hermengarda e lhe diz: «afasta-te, mulher».

O sentimento de liberdade de Eurico é romântico, como sabemos, e é próprio de Herculano. O protagonista com os seus rasgos épicos e sublimes à maneira dos cavaleiros medievais, contrapõe-se ao sensualismo e brutalidade dos árabes e também à sociedade da época do Romantismo.

Hermengarda é o tipo da mulher-anjo que passa na obra como algo de ideal que não chega a concretizar-se. Beatriz será a mulher ingénua que é seduzida e que se redime pelo sofrimento. Leonor opõe-se-lhe totalmente. É má, e não tem sentimentos.

*Eurico, o Presbítero*, se é uma crónica, pela época em que decorre e que o autor procura transmitir cheia de colorido; se é novela, pelo trabalho inventivo de Herculano; se participa da grandiosidade da tragédia, pelos lances violentos, pela nobreza das personagens, pela unidade da acção e por um desenrolar fatídico dos acontecimentos; se está escrito numa linguagem clamorosa, salmódica, ritmada, rica de lirismo e de comparações sugestivas que o classificam de poema, é, sem dúvida, literariamente, a obra-prima de Herculano e uma das nossas jóias literárias. Nela, de uma forma especial, como também nas outras realizações, não há dúvida que a prosa de Herculano, cadenciada, cheia de pensamentos elevados e salmódica, tem, muitas vezes, acentuado valor poético. Lembra Jocelyn de Lamartine, quanto ao tema, somente.